



Entrevista com o Professor Hugo Romero Universidade do Chile

12º EGAL – Montevidéu, Uruguai¹

EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS (EG) – Bom dia, professor!

HUGO ROMERO (HR)- Bom dia!

EG – Professor, como se deu a sua aproximação com a Geografia?

HR – O carinho pela geografia, por que tem que se ter carinho pelas coisas, surgiu do meu trabalho como guia turístico aos quinze anos de idade, porque, meu pai trabalhava em uma empresa de ônibus. Ele conseguiu, quando o ônibus dessa empresa fosse de turismo, me empregar como “aseador” (lavador). Ou seja, eu comecei minha carreira geográfica como “aseador” de ônibus. E, além disso, era “*maleteiro*” (carregador) – tinha que colocar as malas no teto. E claro, com esses dois trabalhos simultâneos, podia ganhar “*propinas*” (“gorjetas”) e, portanto, subsistir durante minhas viagens. Mas, como consequência disso e também dado o interesse das pessoas que participavam das viagens de turismo, comecei a me informar sobre os conteúdos das paisagens que visitava, que eram principalmente as paisagens das cordilheiras. Ou seja, também tinha que conhecer melhor a cordilheira para ir a Argentina, à lugares mais altos, ou bem, íamos à vulcões e campos de esqui e demais lugares turísticos das montanhas. Então, logicamente, me chamaram muito a atenção os processos que ali ocorriam e isto me deixou particularmente interessado em estudar Geografia. Mas, a minha chegada à Geografia foi um tanto quanto circunstancial. Logo, estudei História e Geografia, pois no Chile, naquela época, estudavam-se de forma conjunta as duas disciplinas. No início, meu interesse principal era pela História e não pela Geografia. Quando se iniciaram as aulas, eu comecei a estudar Geografia e comecei a perceber que realmente me sentia identificado pela descrição, interpretação e o levantamento das explicações das paisagens, e, portanto, percebi rapidamente que esse era efetivamente o meu centro de maior interesse. Agora, também quero destacar que foi muito importante a presença de alguns professores que

¹ Entrevista realizada por: André Ferreira, André Sousa, Elisa Dassoler e Harideva Égas. Transcrição e tradução: André Ferreira, Elisa Dassoler, Harideva Égas, Marcio Machado e Ricardo Freire.

foram muito estimulantes e que me permitiram rapidamente aplicar-me a Geografia. Iniciei o curso universitário aos dezoito anos e aos dezenove já possuía uma ajuda estudantil – como assistente ao docente – e já fazia parte do Centro Acadêmico. Então, isso significou também que estive ligado à disciplina desde muito cedo. Depois, um grande desafio que eu tinha era me formar no estrangeiro. O ensino da Geografia no Chile era um tanto quanto precário, incipiente, e eu tinha muitas referências de professores estrangeiros, entre eles alguns brasileiros, mas também muitos europeus. Dentre os europeus, principalmente os ingleses. Eu me sentia muito identificado com a Geografia Anglo-saxônica e portanto conhecia pela sua literatura, geógrafos como: Richard Chorley, Peter Hagget, e outros que trabalhavam na Grã-Bretanha. Então sempre pensei em estudar Geografia na Grã-Bretanha, e consegui fazer isso muito cedo, quando realizei o curso de mestrado. No entanto, as notícias da Grã-Bretanha, relacionadas às agências que outorgavam bolsas de estudo para ir à Europa, eram de que a Geografia não servia para nada. E isso era um problema, porque todas as agências cobravam o desenvolvimento e “a Geografia não era útil para o desenvolvimento”, segundo eles. Então, não ia conseguir nunca uma bolsa como geógrafo. E finalmente, acabei fazendo Engenharia Agrícola, que envolvia especialmente problemas de “irrigação e drenagem”, temas que não me interessavam muito. No entanto foi uma boa opção para conhecer os geógrafos britânicos e me aproximar da Geografia, apesar de ter feito mestrado em Engenharia Agrícola. Também é certo, que desde cedo, pude participar de congressos científicos, que foi um desafio para mim. Neste contexto, conheci muitos geógrafos importantes, como: Anne Buttimer da Irlanda, Torsten Hägerstrand da Suécia, e mesmo Paul Claval, que vocês já entrevistaram². Então, desde muito jovem, tive chance de conviver, em muitas ocasiões, com esses grandes geógrafos que eram, realmente, muito significativos a nível mundial. Em particular, em uma de minhas viagens, e neste caso a Nova Zelândia, tive a sorte de sentar ao lado de um geógrafo que me marcou profundamente daí em diante. Ele se chama Bruno Messerli e é provavelmente o geógrafo suíço mais importante. Ele foi presidente da União Geográfica Internacional, um homem de extraordinária influência tanto no seu país, como na União Européia. Tornei-me um grande amigo dele e creio que tanto os seus ensinamentos, quanto os trabalhos que realizamos de forma conjunta, foram muito importantes. Portanto, é uma longa série de pessoas, eventos e acontecimentos que foram finalmente fazendo-me sentir atado à disciplina. E provavelmente nestes roteiros de viagens de reconhecimento, cheguei muito cedo ao Brasil. Vim a Conferência da União Geográfica Internacional em 1983, quanto tinha somente pouco mais de trinta anos. Então foi muito importante conhecer geógrafos brasileiros de envergadura como: Speridião Faissol e Pedro Pichas Geiger do Rio de Janeiro, Carlos Augusto de Figueredo Montero e mesmo Milton Santos. Com eles nasceu uma amizade desde muito cedo, fazendo com que eu tentasse voltar toda vez que possível ao Brasil e ir conformando uma visão latino-americana mais próxima. Creio que eu devo ser de todos os geógrafos latino-americanistas e também latino-americanos, o que mais viaja pela América Latina e isso tem como consequência conhecer muitas pessoas e países em circunstâncias distintas. Em síntese, meu aprendizado provém das

² Entrevista disponível nesta edição número 5 da Revista Discente Expressões Geográficas.

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 05, ano V, p. 01 – 14. Florianópolis, maio de 2009.

experiências, mais do que de uma formação sistemática em aula, e também do conhecimento de pessoas, ou personalidades, que marcaram fortemente o meu interesse de pesquisador interrogante.

EG – Como o senhor vê as novas possibilidades de contribuição epistemológica de outras ciências (humanas e físicas) para com a geografia e vice-versa?

HR – Bom, eu penso que o mundo atual é um mundo decididamente de complexidades e a única maneira de entender estas complexidades é através do trabalho interdisciplinar. Não consigo conceber a geografia sem ponte e muito permeável à influência das ciências sociais por um lado e às das ciências naturais por outro. No caso das ciências naturais, eu tenho a impressão que nós deveríamos saber muito mais de seu progresso e principalmente do progresso da Física Quântica, da Física Atômica, das interpretações do mundo que proporcionam estas ciências. Teremos que aprender muitíssimo sobre a Química, principalmente porque muitos dos problemas da geografia física são explicados pelas reações químicas. E sem dúvida eu creio que a ciência que mais temos que aprender é a Ecologia. A Ecologia, particularmente a Moderna Ecologia, com seus estados de “não-equilíbrio”, com suas interpretações de câmbio, de incerteza dinâmica, constitui-se em um artifício de aproximação, incluso o espacial, que aborda muitos aspectos sobre a Geografia. Portanto creio que nós devemos ser sensíveis às contribuições destas disciplinas, da mesma maneira que creio que a Geomorfologia se beneficia muitíssimo com o contato com a Geologia, ou que a Climatologia se beneficia muitíssimo do contato com a Meteorologia e com as ciências fundamentais da natureza. O pior que poderia ocorrer com a Geografia Física é um “fechar-se em si mesma”. Creio que não estamos para isso, que precisamos compreender os problemas que preocupam toda a sociedade, como, por exemplo, a perda da biodiversidade, as mudanças climáticas, a desertificação, ou qualquer outro processo, a escassez crescente de água; são todos temas que nos obrigam a trabalhar em conjunto com os cientistas sociais e com certeza com os engenheiros. Evidentemente temos muitíssimo o que aprender com a Engenharia, particularmente as decisões que muitas vezes se adotam erroneamente. A respeito das ciências sociais, não me resta dúvida alguma que o trabalho com o antropólogo, o sociólogo e o economista é fundamental. E ultimamente creio também muitíssimo na necessidade de melhorar nossas relações com os cientistas jurídicos. Creio que as instituições jurídicas e as leis, normas e regulamentos são cada dia mais importantes para nós, assim como creio que a “constitucionalidade” seja uma dimensão pela qual tenhamos nos preocupado pouco, especialmente em seu significado e representatividade política. Em sua relação com a democracia, em sua relação com a participação; a proposição de uma constituição, a institucionalização dos movimentos sociais e a participação social são alguns aspectos muito relevantes.

EG – Há tempos que existe um discurso sobre a “primazia da prática” permeado nas discussões epistemológicas da Geografia. Tanto alguns representantes de Geografias Críticas como outros de Geografias Positivistas, comentam sobre a finalidade prática desta ciência. As interpretações de tal discurso são múltiplas. Como o senhor vê hoje a

apropriação que se faz deste discurso principalmente nas universidades brasileiras? E como o senhor entende a afirmação sobre a primazia da prática na atividade dos geógrafos?

HR – Essa é uma discussão que eu nunca tive muito tempo para pôr a devida atenção e vou explicar as razões. Eu acredito que em grande parte a Geografia tem muito a ver com os geógrafos e os geógrafos têm muito a ver com as circunstâncias e o tempo em que vivem, ou seja, em outras palavras eu creio que as ações humanas estão fortemente fundamentadas nas circunstâncias e as circunstâncias em que vivem em grande medida condicionam as formas ou as prioridades que lhes outorgam a prática ou a teoria. Para mim, na primeira fase do meu desenvolvimento profissional a principal tarefa era subsistir e, portanto, se para mim aparecesse uma possibilidade prática, ou teórica, de trabalhar eu aceitava, porque no meu país, especialmente o trabalho para geógrafo não é muito abundante; posteriormente, por circunstâncias políticas muito trágicas, durante dezessete anos, efetivamente, minha única responsabilidade era tentar fazer subsistir a disciplina e nesse momento, sendo essa a prioridade fundamental, essa discussão novamente teve que ser postergada, ou seja, o que eu quero dizer é que se em algum momento as respostas que eu tinha que dar para tentar assegurar a subsistência da disciplina eram de ponto de vista teórico, eu tinha que dar-lhes, e se em outros momentos, pelo contrário, eram as instâncias práticas que nos obrigavam a tomar decisões ou a envolver-nos com projetos excessivamente pragmáticos, era isso que tínhamos que fazer, não tínhamos a possibilidade de discutir muito isto, o que diferencia provavelmente os geógrafos chilenos do que acontece em outros países. Eu creio que existe outros países nos quais provavelmente houve mais capacidade de acolhida ou quiçá mais tranquilidade espiritual ou institucional para poder optar mais livremente frente a essa circunstância. Com o retorno da democracia, o país teve que priorizar ações que assegurassem a paz social e, por outro lado, neutralizassem as tentativas golpistas que sempre existiram. Então, nós nos vimos envolvidos em tentar apoiar os governos democráticos, na verdade em resposta a problemas tão evidentes como da falta de habitação, da poluição atmosférica, ou das crises sociais. Então, em verdade, nessa busca de respostas imediatas, certamente em muitas ocasiões, novamente tivemos que postergar essas discussões teóricas. Então eu acredito que esse tipo de resposta é muito difícil e eu não me atreveria a privilegiar uma coisa sobre a outra, porque, insisto, depende das razões ou das circunstâncias nas quais cada um está se desenvolvendo. Agora, o problema mais sério, em meu julgamento, é que nós temos que compatibilizar uma discussão teórica permanente para dar sustentação filosófica a nossa disciplina e para poder representar a condição de ciência a qual pertence; não existe uma disciplina somente pragmática, em consequência, se não temos resposta teórica, seja de uma ou outra fórmula, estaríamos em falta não apenas com a disciplina, mas pondo em risco a sua condição enquanto ciência, algo que nos deixaria extremamente vulneráveis frente à hegemonia das disciplinas que se consideram científicas por natureza. E essas circunstâncias acompanharam a Geografia em parte da sua história na América Latina, ou seja, houve muitos departamentos de Geografia, eu mesmo fiz parte e pude viver essa situação, que foram fechados porque não representavam uma disciplina científica, ou mudaram de Faculdades. No Chile, o Departamento de Geografia, hoje em dia,

está locado numa Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, havendo estado antes na Faculdade de Filosofia e havendo estado antes ainda na Faculdade de Ciências Humanas e Educação. Isso demonstra que a compreensão do público em geral sobre o que é a Geografia é muito débil e, conseqüentemente, em muitas das discussões destinadas à sobrevivência institucional da disciplina, teve-se que privilegiar em alguns momentos os argumentos teóricos também. Não creio que possam haver exercícios práticos ou avanços práticos se não temos fundamentos teóricos suficientes. Esses fundamentos teóricos serão muito determinados pelas posições ideológicas, pelas formas de ver o mundo e pelas circunstâncias em que cada um se desenvolve. Eu não seria partidário de desqualificar ninguém e, provavelmente, essa atitude que pode parecer meio tímida frente à firmeza com que outros defendem seu ponto de vista, tem também uma formação nas circunstâncias: eu vivi 17 anos numa ditadura. Essa ditadura foi causada em grande parte pela incapacidade de nos colocarmos em acordo e logo tivemos que pagar um altíssimo preço por não termos sido capazes de respeitar-nos mutuamente. Se como conseqüência do compromisso democrático que todos assumimos para reconstruir um país, tenho que aceitar pontos de vista diferentes e algumas vezes contraditórios com o meu ponto de vista, não vejo nenhum impedimento em fazê-lo. Se esses pontos de vista são excessivamente práticos, é possível que por traz desses argumentos hajam pessoas muito honestas que através desse exercício prático ganham a vida e mantêm as suas famílias. Eu não me julgaria capaz de fazer nenhuma crítica a elas. A Geografia lhes permite desenvolver-se; e ainda mais se eles fazem isso bem, se lhes permite prever um desastre natural que mata muitas pessoas, ou são capazes de resolver os problemas da poluição atmosférica que no meu país mata milhares de pessoas ao ano e se, além disso, são capazes de pensar a cidade, de construir boas habitações, de facilitar o movimento e ainda por cima conseguem propor boas ações do ponto de vista ambiental, não tenho nenhum inconveniente quanto ao respeito que devo ter com essas pessoas. Da mesma maneira, se existe alguém que é capaz de desenvolver o pensamento abstrato e o faz sem desqualificar os demais, e fazem por situar a Geografia em uma posição de crítica social construtiva e se é capaz de influenciar e fazer a sociedade refletir, que é o que ela precisa, com respeito às incertezas e à necessária obrigação de manter como fundamental nossos princípios éticos, como o respeito com a dignidade humana, o respeito pela justiça social, e se somos capazes de fundamentar isso nas mais altas e complexas teorias sociais, considero fundamental. Isso implicaria, antes de qualquer coisa, em assegurar a essa pessoa um ambiente democrático e de respeito que somente se valoriza quando se perde, quando somos obrigados a pensar hegemonicamente, quando grupos de poder nos obrigam a pensar hegemonicamente; quando uma ditadura nos acusa de subversivos por nos distanciarmos do pensamento oficial, por exemplo, ou quando pensar de maneira diferente implica um risco a própria vida. Nesses momentos começamos a valorizar uma democracia e, quando valorizamos uma democracia, ainda que imperfeita, a nossa primeira obrigação é assegurar que todos possam expressar seu livre pensamento e se esse livre pensamento está ligado de alguma maneira a uma ênfase na prática ou na teoria, acredito que ambos os pontos de vista devem ser igualmente respeitados, evidentemente que alguns terão mais espaço no campo profissional. No meu país, mais ou menos noventa por cento dos geógrafos trabalham na profissão

de geógrafo, ou seja, trabalham resolvendo problemas que são semelhantes a incêndios, têm que resolvê-los no agora, não têm muito tempo pra pensar esses temas; nesse caso, os geógrafos práticos pedem, para nós que felizmente temos a possibilidade de nos desenvolvermos dentro da Universidade, que tratemos desses problemas teóricos. Logicamente, quem está em uma Universidade tem que privilegiar a teoria sobre a prática, pois é por isso que estamos em uma Universidade, ou seja, dentro de uma pirâmide, a qual em algum momento formulou Peter Gould nos Estados Unidos. A pirâmide mostra que em baixo está a grande maioria de geógrafos, que são professores de Geografia que estão na sala de aula ou são profissionais de Geografia que tomam decisões práticas, estes constituem a base da pirâmide, e nesse caso a formação de Geografia precisa prepará-los para ensinar o melhor possível e tomarem decisões corretas, que sejam justas, solidárias e unanimemente valiosas, que se em algum momento, mesmo que sejam pressionados pelos empresários, pelo governo, ou por alguma conjuntura, tenha que tomar alguma decisão, que ele a adote tendo um marco de referência que seja eticamente solvente, que não prejudique ninguém, que não signifique por em risco nenhum grupo social, que não signifique negar a palavra a ninguém. Se ele conseguir fazer isso no exercício cotidiano de sua profissão, junto a um governo municipal, numa organização não-governamental, junto aos movimentos sociais ou a uma associação de moradores que atue com consequência, é provável que muitas de suas decisões sejam muito duras e mesmo algumas sejam antagônicas a sua ideologia, mas que esteja consciente que efetivamente em muitas ocasiões na vida terá que renunciar a um protagonismo ou a uma decisão que considera que esteja mais em sintonia com a sua ideologia, porque existem restrições nas quais ele não pode aceitar-se. Mas, do mesmo modo, os que têm a opção de interpretar a realidade e de fixar os marcos de referência abstratos do pensamento necessário para justificar as tomadas de decisão, que são principalmente os que estão na Universidade, não podem renunciar a essa tarefa; essa tarefa é inerente à Universidade. Ela é o lugar do pensamento, lugar do conhecimento, que depois os práticos têm que aplicar e fazê-lo bem. Então, essa interface, essa interação entre o que toma a decisão e o formulador de pensamento é simplesmente uma opção de trabalho muito importante. Mas quem está no topo da pirâmide? No topo da pirâmide precisam estar os grandes mestres. Uma disciplina sem grandes mestres, sem o reconhecimento dos outros não existiria. Pode ser finalmente que alguém esteja mais ou menos de acordo com a obra de um professor, não, não estamos premiando um pensamento único e nem uma certa frase, estamos premiando uma trajetória, a vida acadêmica dos que destinaram seus esforços, seus maiores desvelos à construção da Geografia, como o caso de Roberto Lobato Corrêa, como o Professor Angel Basols Batalla do México. Eu estou em desacordo em muitos aspectos com o que pensa Basols, mas eu não posso desconsiderar o que é esse honorável ancião – uma pessoa que pôs muitas vezes em risco a sua vida para construir um pensamento em um país difícil como o México, no qual existem muitas dificuldades e, no entanto, ele teve sempre o valor de pronunciar suas idéias com a mesma clareza que faz hoje em dia e iluminar a muitas pessoas no que diz respeito à forma de se ver o mundo. No caso do Brasil, eu tenho dito muitas vezes que, e não me custa repetir, este é um dos poucos países que, pelo seu tamanho e diversidade

humana, é capaz de algo que os demais países latino-americanos não são capazes, de reconhecer seus mestres. Justamente, como é um país diverso e como são tantos os brasileiros, pode haver dez mestres diferentes e contemporâneos e os dez têm como progredir; isso diversifica os centros de poder intelectual e permite aflorar essas filiações diversas, coisa que não acontece em outros países. Existem países muito pequenos como o Chile, o Uruguai, como Equador, como os países da América Central, onde as lutas por poder passam a ser realmente dramáticas, porque ou existe somente uma Universidade que ensina Geografia ou existe somente uma fonte de financiamento para pesquisa ou não se tem recursos para nada; nesses casos existe um grande risco de que se conduza a certa desqualificação mútua e essa desqualificação impeça inclusive reconhecer a existência de mestres. Então, logicamente que esses países, e temos visto dramaticamente também nesse Encontro dos Geógrafos da América Latina³, não estão em condições de apresentar um caminho de mudanças porque não conseguem colocar-se de acordo, nem que seja nas mínimas coisas, e isso é um fator que no meu entendimento atrasa o progresso da disciplina em nível latino-americano. O Brasil não tem esse problema e, portanto, tem que cuidar muito. Essa relação social é um aporte muito importante em seu desenvolvimento e temos comprovado isso aqui em Montevidéu. Novamente, portanto definitivamente, mas para responder a essa tua pergunta, eu acredito que deve haver espaço para todos e provavelmente esse espaço para todos garantirá a democracia, a liberdade e a diversidade que fará com que muito além da interpretação que se possa ter, a multiplicidade de atores assegurem a sobrevivência e assegurem, antes de mais nada, os caminhos diferentes que cada um possa seguir trilhando. Se for por um caminho ou por outro, não é muito importante, pois afinal a Geografia tem que construir a auto realização humana, e se ela é alcançada por um ou por outro pensamento, me parece correto e eu não me atreveria a pensar em impor um ponto de vista, e isso é perceptível nas minhas aulas, justamente para evitar que em algum momento a polarização de pensamento ou a desqualificação entre as pessoas crie as condições objetivas para autodestruir-nos. E não é um eufemismo, estou falando do Chile onde centenas de geógrafos foram exilados, mortos, assassinados. Isso não ocorreu necessariamente em função da investigação que fez a policia militar. Nós gostaríamos muito de pensar que foi assim, na verdade os nomes saíram muitas vezes dos próprios colegas e isso (oxalá!) tomara que não aconteça nunca mais em nenhum país latino-americano. Quero estar enganado, mas acredito que existem países latino-americanos que criaram as condições de polarização necessárias para que, em um curto prazo, entre colegas, entre amigos, se produzam brigas tão ou mais graves que as que aconteceram no Chile. Se o Brasil tem a possibilidade de fugir desse destino que se preocupe em conservá-la.

EG – Como o senhor vê o futuro das universidades latino-americanas e mesmo do ensino básico diante da conjuntura atual? A precarização do trabalho é um fenômeno evidente em marcha diante das estratégias

³ Encontro dos Geógrafos da América Latina realizado em Montevidéu no Uruguai em abril de 2009.

capitalistas para a sua auto-reprodução. Como o senhor encara tal processo no tocante a prática dos docentes na América Latina?

HR – Eu creio que o processo mais grave que ocorre na América Latina e que nos assegura um futuro absolutamente negativo é o abandono da educação pública. Os países latino-americanos de forma absolutamente reflexiva, durante os últimos 30 anos, estiveram sistematicamente destruindo a educação pública fundamental e logo as universidades. Eu gostaria de fazer um parêntese: se é certo que a Universidade Brasileira pode ser objeto de muitas dificuldades, a Universidade Brasileira goza de enormes privilégios, mesmo a Universidade Pública, enquanto que todas as Universidades Públicas da América Latina são diminuídas, sub-financiadas, destruídas, deslegitimadas. Eu acredito que isso não ocorre no Brasil. E eu acredito que não ocorre no Brasil, primeiro porque certamente ainda existem autoridades conscientes, mas também em grande parte porque existem sindicatos e grupos que têm defendido a Universidade, incluindo os estudantes. Nos demais países da América Latina a Universidade passa por momentos extraordinariamente de sub-financiamento, me refiro a Universidade Pública. Algumas estão sub-financiadas completamente, é o caso chileno, um país que cresceu economicamente de forma admirável e que ao mesmo tempo de forma paralela sub-financiou a sua Universidade. Para que vocês tenham uma idéia, na Universidade do Chile, universidade pública onde eu trabalho, o governo financia diretamente apenas 13% do orçamento básico, os 87% restantes tem que ser auto-financiados pela Universidade, e portanto uma parte importante desse financiamento vem das mensalidades que pagam os estudantes. Um estudante de Geografia no Chile paga US\$ 3.000,00 anuais para estudar Geografia, que é considerada uma profissão barata, esse mesmo estudante se quisesse cursar Medicina poderia pagar até US\$ 15.000,00 anuais. Isso na Universidade Pública. Evidentemente, se me referisse à Universidade Privada, estaria falando de valores muito maiores. Isso implica um sacrifício extraordinário das famílias para poder responder a essa demanda, ao qual ninguém ajuda. São as famílias que se endividam, são as famílias que põe toda a sua esperança em um profissional futuro, neste caso um Geógrafo, que supõem vai reverter isso de alguma maneira e retribuir, tanto à sociedade quanto à sua família, o enorme sacrifício econômico que isso implica, porém nem sempre estamos seguros que aconteça assim. Agora, se isso é válido em se tratando de Universidade Pública, esse exemplo pode ser multiplicado em muitas outras universidades públicas na Argentina, no Equador, no Peru e na América Central. Eu diria que a outra Universidade ou o outro grupo universitário que provavelmente possa se equiparar ao Brasil é o México. Tirando o México e o Brasil, as restantes Universidades Públicas no continente passam por sérios ajustes e em muitos casos fechamentos e ameaças de fechamento, que sempre encontram a Geografia em primeiro lugar como candidata a ser fechada, pois já ninguém sabe muito bem pra que serve e o que significa. Eu diferenciaria enormemente a realidade latino-americana nesse aspecto, no sentido de que é imprescindível uma revalorização da educação pública universitária naqueles países em que se perdeu esse valor e por outro lado naqueles países que ainda o mantêm mesmo assim com muitas deficiências. Teria que necessariamente também chamar a atenção das autoridades públicas, dos governos dos países, quanto ao fato de que não investir na formação de capital humano é uma hipoteca muito arriscada para o

futuro. Mas é certo que é válido sim diferentemente para a Universidade. O que não tem nenhuma diferença é a receita que dão a educação pública, média e básica, nisso sim todos os países Latino-Americanos são iguais e em todos eles se tem aplicado sistematicamente uma receita de privatizar a educação primária e secundária, com resultados horríveis em todo o continente e acredito que isso é sem dúvida injustificável e claramente compromete o futuro da sociedade latino-americana. Creio que em grande parte a polarização social que se vê em nosso continente tem muito a ver com o abandono da educação básica e começamos agora a pagar os custos de políticas educacionais erradas, falidas, que têm sido implementadas nos últimos 30 anos, certamente seguindo uma receita internacional de algum organismo como um banco mundial ou alguém que disse que a maneira de resolver o problema educacional na América Latina era privatizar a educação. E todos os países, sem refletir melhor, sem conseguir atentar a tremenda magnitude desse tema, têm aceitado essa solução; se não fosse assim, não teríamos como explicar que a perversidade seja tão aceita e difundida. O resultado é que temos uma educação em geral péssima, que não capacita os indivíduos de nenhuma maneira para desenvolverem-se na sociedade e tem substituído e permitido a substituição de valores fundamentais como a solidariedade pelo mercantilismo sem nenhuma discussão. Hoje o individualismo tem substituído os valores da comunidade sem nenhuma discussão da mesma forma que a cidade foi transformada num produto do mercado e, em geral, nossos países, nossos territórios têm se privatizado, mercantilizado, co-modificado sem nenhuma discussão aparente. Isso é o produto do abandono da educação pública; cidadãos sem capacidade de reflexão, sem capacidade crítica, cidadãos sem capacidade nem conhecimento do verdadeiro significado das mudanças que têm sido implementadas com o abandono da educação pública. E o ceder da educação pública, ou seja, dos princípios da moral pública, ceder aos grupos corporativos que se fizeram responsáveis pela educação, os quais representam seitas, ou religiosos ou qualquer grupo de interesses cuja única exclusiva função é produzir cidadãos cegados e imobilizados, esse é o custo que temos que pagar. Eu esperaria que nesses momentos de crise, uma das primeiras coisas que revisássemos fosse a educação pública. Temos que voltar a investir em uma educação pública de qualidade porque os custos que estamos pagando e que iremos pagar, pois quando falamos de investimos em educação, falamos de médio prazo, ou seja, provavelmente tenhamos pagado o pior dos custos e as futuras gerações vão ser quiçá escravos de um sistema político e econômico frente ao qual não terão nenhuma capacidade de reação. Agora o que acontece com o ensino de Geografia, o que eu conheço dos países da América Latina, salvo algumas exceções - não opinaria sobre o Brasil porque não o conheço - mas sim, tenho visto algumas ações de persistência, um esforço muito louvável na Argentina e aqui no Uruguai, por exemplo, mas nos demais países também não tenho visto. Portanto eu diria que a educação da Geografia nos ensino médio e básico está provavelmente em seu pior momento e a isso se soma o abandono da Universidade pública e a formação dos professores, que é um fator fundamental. Em todos os países em que a educação participa ativamente no processo de construção social e no desenvolvimento, a condição de professor é um elemento absolutamente crítico e chave. Ninguém discute isso. O que quero dizer é que países de maior estado de bem-estar social, ou melhor constituídos ou de maior inserção no

mundo global, são aqueles nos quais os maiores esforços são destinados aos professores. Pensem em países como Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca por exemplo. Nesses países, na Dinamarca por exemplo, a profissão mais bem paga de todo o campo profissional é a de professor e só pode exercer essa profissão o profissional mais preparado, mais capacitado, certamente não existem nenhum profissional no ensino básico e médio que no mínimo, não tenha um diploma de mestrado. Esse exemplo demonstra definitivamente que a formação de professor é um elemento crítico e temos visto, por um lado, como a Universidade Pública tem se sub-financiado e conseqüentemente a formação de professores tem se tornado trivial. No meu país, o Chile, somente cursam pedagogia os alunos que obtêm a menor pontuação para ingressar na Universidade, ou seja, os menos capacitados, além disso, como possuem as piores pontuações são os excluídos socialmente que terminam estudando pedagogia. Como explicar isso? Portanto temos professores que enfrentam os estudantes, claro que existem exceções, mas em sua grande maioria desmotivados, mal formados, com tremendos problemas pessoais e familiares para subsistir, os quais vão gerando um ambiente educacional claramente negativo. O resultado disso vai muito além da Geografia, mas no caso da Geografia, no meu país, todos os anos eu dou aulas aos alunos que entram na Universidade para estudar Geografia e lhes pergunto porquê decidiram cursar Geografia? Porque o mais provável seria que os professores que lhes ensinaram essa matéria os tivessem afugentado da Geografia, porque a disciplina segue sendo uma enciclopédia, uma repetição de capitais, de rios e de populações de países, por exemplo, como é usualmente a Geografia na educação básica da maioria dos países da América Latina. Se eles conseguem fugir desse almanaque chamado “Geografia”, qual seria o motivo, isso me chama a atenção, porque seria? Como é possível? E qual a resposta que me dão os estudantes? Dois tipos de resposta. Primeiro chegam à Geografia convencidos de que vão poder discutir e conhecer os problemas do mundo contemporâneo que eles captaram por meio da televisão (*Discovery Chanel, Planet, etc...*) todo esse tipo de situações onde a discussão geográfica está muito mal colocada. Nesses canais eles têm visto um mundo diferente e interessante de natureza tremendamente complexa que é a história de povos muito interessantes. A Geografia, eles tem descoberto pela mídia, que evidentemente é muito parcial, conseqüentemente não se pronuncia sobre os grandes problemas da sociedade contemporânea, o que também não os habilita para ter uma visão crítica. A segunda fonte importantíssima de decisão para estudar Geografia tem sido dada por algum professor, algum professor que os impressionou porque os ajudou a compreender seu mundo, ou porque lhes demonstrou que há uma opção de compromisso e essa opção de compromisso corresponde a cada cidadão e que eles podem ser cidadãos comprometidos com o mundo. Essas são as duas fontes, não escutei ninguém dizer que a qualidade de ensino o tenha levado a isso. Se faço essa mesma pesquisa na Inglaterra... Bom, em primeiro lugar, na Inglaterra a Geografia está entre as doze profissões mais populares do país, o que dá certa qualidade atrativa à nossa disciplina, está entre as disciplinas mais importantes da Universidade e isso também acontece em outros países. Eu só estou usando a Inglaterra como exemplo, pois há as pesquisas que foram feitas pelo Instituto de Pesquisas britânico para conhecer quais as razões para se estudar Geografia. Diferente do Chile, onde pelo que se vê, a televisão e os professores

são os dois grandes e exclusivos modelos, no caso da Inglaterra aparece em primeiro lugar a qualidade do ensino, as inovações que são introduzidas nas aulas, a qualidade do material didático com os quais se exerce a disciplina, a qualidade das saídas de campo das quais os alunos participam; nesse caso, parece que a experiência global do ensino é muito mais relevante que a que acontece em nossos países. Se nós não formos capazes de reverter essa realidade, evidentemente não teremos os melhores talentos e mais interessados na Geografia, em nossas aulas. E como temos que construir essa Disciplina com muita devoção, muita dedicação, e como na aula exige-se um grande sacrifício, precisamos do melhor, não necessariamente o melhor do ponto de vista intelectual, mas os melhores do ponto de vista humano, moral, do valor que tenham para enfrentar as situações, de coragem para resolver os problemas que tem que enfrentar e esses são seres humanos excepcionais. Precisamos de seres humanos excepcionais e o problema agora é: como convocá-los? E nessa tarefa os professores de Geografia passam a ser fundamentais, os meios que disponham para ensinar passam a ser fundamentais e as matérias com as quais vão trazer os jovens para as aulas passam a ser fundamentais. Agora se os professores não estão capacitados para transmitir o carinho com a ciência, a qualidade das explicações, o valor do conhecimento geográfico, estamos com problemas! Nesse sentido é uma tremenda necessidade resolver esses problemas.

EG – Muito se fala das “mudanças climáticas” na atualidade. Ainda que haja um discurso hegemônico, não há consenso que o “aquecimento global” seja provocado pelas ações humanas contemporâneas. Como o senhor interpreta esta realidade climática, e que impactos estão colocados para a sociedade. Dentre estes impactos, como o clima se relaciona com a crise econômica mundial?

HR – Eu acredito, em primeiro lugar, que o clima é um exemplo de sistema complexo. O clima é, provavelmente, um dos melhores exemplos de um sistema complexo e como é um exemplo de sistema complexo, os sistemas complexos não podem ser conhecidos em sua totalidade, ninguém poderia conhecer um sistema complexo em sua totalidade, portanto grande parte de aproximações são probabilísticas, não são determinísticas porque não estamos em condições de explicar relações de causa e efeito com a precisão devida. Isso implicaria que fazer sistemas complexos probabilísticos, portanto a possibilidade que tem de ser um sistema incerto e caótico, segue sendo muito importante. O Clima, a única diferença que tem com os demais sistemas geográficos ou com os demais sistemas provavelmente naturais ou sócio-econômicos, é que ele é mais incerto. É da maior incerteza dada a complexidade de relações que comandam seu comportamento, portanto que exista uma mudança climática não é nenhuma novidade. O tempo muda todos os dias e o clima é a sucessão habitual e rítmica das séries de tempo. Agora, se estamos nos referindo ao rigor do clima, não estaríamos avançando muito, porque todos os invernos são mais frios e os verões são mais quentes, existem anos secos e anos frios e isso aconteceu sempre na história do nosso planeta e vai continuar acontecendo da mesma maneira. Agora, se estamos nos referindo a uma mudança tendencial na qual efetivamente a ação humana

pode estar contribuindo sistematicamente para que certas tendências, que são variáveis, são diferentes, comecem a preocupar a humanidade, então acredito que isso é verdade, eu creio que efetivamente existem certas tendências que não sabemos se são cíclicas ou são em uma só direção, mas existem certas tendências que são preocupantes, o derretimento dos glaciares por exemplo. Eu sou do Chile e nós trabalhamos na Patagônia e nós temos visto a retração das geleiras de forma sistemática, a mudança das paisagens de muitos de nossos territórios, a escassez crescente de água, o abandono de algumas formas de sistemas pastoris, enfim. No meio urbano, temos visto como a construção das cidades não tem nenhuma consideração climática, portando aumentam as ilhas de calor, aumenta a poluição atmosférica, a falta de umidade dentro das nossas cidades as torna mais sensíveis frente às flutuações do sistema natural. Fica evidente que a ação humana, no que diz respeito à natureza e em particular com respeito ao clima, tem sido uma ação francamente irresponsável em qualquer escala que consideremos, sejam os grandes desmatamentos, não somente da Amazônia, mas das florestas tropicais, da taiga, das florestas do mediterrâneo. As florestas sempre verdes das zonas temperadas também estão sendo arrasadas sistematicamente, e isto é uma grande irresponsabilidade ecológica e uma grande irresponsabilidade frente ao comportamento do clima. E se você for à cidade, acontece o mesmo, a construção da cidade, a sua verticalização, o crescimento dos bairros, etc. Não existe nenhum cuidado em função do clima, portanto essa ação humana irresponsável está mudando substancialmente as condições climáticas, o que eu não poderia afirmar novamente, para ser respeitoso com a falta de certeza, eu não poderia dizer que um ato humano esteja mudando ou esteja provocando uma reação única do clima, porque isso seria muito difícil. Nisso eu também tenho sérias dúvidas, como todo mundo e também, dentro desse ponto de vista, em afirmar que estamos presenciando uma tendência irreversível. O que temos visto, pelo menos eu, durante muitos anos trabalhei com o fenômeno *El Niño* e o que eu observei, por exemplo, nos últimos mil anos no Chile, é que haviam ocorrido períodos de *El Niño* e que a quantidade de precipitações que ocorria em 1240 é mais ou menos a mesma que ocorreu em 1990 ou em 2009 e que houve anos secos em que choveu 70mm, e esses anos secos têm ocorrido nos últimos mil anos, que são anos que temos registros cronológicos, dendrocronológicos através do crescimento dos anéis dos troncos das árvores, e portanto vemos que também temos muitas novidades com respeito a isso. Essa mudança que aconteceu de 1976 até hoje, que é chamada de Aquecimento Global, foi precedida por um período frio bastante resistente. É provável que estejamos no futuro frente a um período frio que desminta qualquer intenção de reconhecer alguma tendência. Eu acredito que as mudanças climáticas são um fato persistente, pois a natureza nunca está estática, que as tendências que podemos observar são preocupantes, que não temos nenhuma segurança de que essa situação se reverta em curto ou médio prazo, e tudo isso nos obriga a pensar geograficamente que, se o clima e o resto do sistema ecológico são dinâmicos, evidentemente nosso ordenamento dos territórios deveria considerar devidamente como enfrentar esse dinamismo. Assim, se não somos capazes de reconhecer a variação da enchente de um rio no tempo e portanto não ocupar as planícies, as áreas de inundação ou as áreas baixas que são afetadas pelas precipitações que antecedem esse aumento do nível do rio, não

podemos dizer depois que são as mudanças climáticas que invadem nossas cidades ou o nosso campo, pois somos nós que estamos intervindo nesses territórios. Parece que a existência de espaços de mitigação é extraordinariamente importante para poder reconhecer como mitigarmos, como controlarmos, até onde seja possível, os efeitos negativos que possam ter essas alterações naturais que existem. Eu tenho a impressão que a contradição atual é que não somos capazes de reconhecer essa dinâmica e, portanto, não deixamos os espaços necessários para dar conta dessa dinâmica, e tomamos decisões erradas com respeito à localização de nossas instalações, ou arrasamos uma área de proteção da natureza cuja função principal era justamente servir como base de proteção. Essas são ações humanas e sociais equivocadas que criminalizam o clima, como vimos, colocamos a culpa no clima pela inundação ou pela seca e o que acontece é que o clima não faz mais do que cumprir seu ciclo. Na verdade temos a seca, ou não temos tomado as providências para enfrentá-la, ou não temos enfrentado a inundação não como consequência do clima e sim como consequência da maneira como a sociedade é conduzida ou é dirigida para não ver justamente esses fenômenos. O clima finalmente, pelo menos acredito eu, do ponto de vista geográfico, é parte da Geografia e a Geografia, sempre pensei assim, não é uma disciplina natural, a Geografia ou é uma ciência de interação entre a sociedade e a natureza ou é abertamente uma disciplina social, então, quando estamos falando do derretimento das geleiras, da escassez de água, da poluição atmosférica, das ilhas de calor na cidade, não estamos falando de fatos naturais estamos falando de fenômenos sociais. Na realidade, por trás do derretimento das geleiras há uma ação pré-concebida de certos grupos que fizeram riquezas contaminando a atmosfera e, portanto, acelerando a emissão de gases sem nenhuma responsabilidade social. Quando falamos de ilha de calor, estamos falando de um urbanista, de uma empresa imobiliária, ou de um município que por falta de visão não se preocupou em assegurar as condições de heterogeneidade e de diversidade climática no interior da cidade. Provavelmente o problema não seja o clima, o problema é efetivamente a sociedade e o mais grave é que nós, através de um dos climatólogos mais importantes no mundo atual, chamado Tim Oke, que trabalha na Universidade de *British Columbia* – Canadá, sabemos que ele sempre defendeu que é preciso diferenciar os aspectos inadvertidos do clima e os advertidos. Os inadvertidos são aqueles que a sociedade sonega porque comprometem decisões institucionais, sociais e políticas. É mais fácil pôr a culpa na mudança do clima que reconhecer as próprias responsabilidades do município, do governo ou da própria sociedade e ser capaz de prevenir ou advertir a respeito dessa mudança, ou supor que a poluição atmosférica se formou como consequência de uma acumulação azarenta, sem reconhecer que por trás dela está, por exemplo, a indústria automotiva. Supor que não vai acontecer nada com o clima com um veículo por pessoa em Florianópolis ou com dois veículos por pessoa em Santiago é impossível, ninguém em sua sã consciência poderia pensar que isso não iria alterar o clima e portanto não ser responsável por efeitos deletérios para a sociedade. No entanto o problema mais importante é que também o clima reflete a injustiça social, e o que ocorre? Se vocês examinarem, por exemplo, as condições com as quais vivem os povos no mundo, vão descobrir que os climas onde ocorrem mais riscos, mais rigorosos, que manifestam mais dramaticamente os efeitos das mudanças,

ocorrem nos países pobres. Não quer dizer que nos países ricos não existam esses mesmos efeitos, o que ocorre é que os países pobres não estão preparados para enfrentar essas vulnerabilidades, a mesma inundação não tem os mesmos efeitos na Europa e na América Latina e se vamos ao interior de nossas cidades e vemos, por exemplo, como no caso de Santiago, quem são os 3.000 mortos por ano em função da poluição e mapeamos esses 3.000 mortos, vamos descobrir dramaticamente que não estão no centro da cidade, estão nos bairros pobres. Então existe um clima pra ricos e um clima para pobres, e temos uma poluição para ricos e uma poluição para pobres, doenças ligadas ao clima para ricos e para pobres e existem mortos pobres e alguns sobreviventes ricos. Então chegamos a um momento em que efetivamente as escalas nas quais a sociedade se manifesta mais, como a cidade, como os campos dos mais pobres que são os que sempre sofrem os efeitos da seca, das perdas pelas geadas ou as invasão das grandes pestes, esses, não que sofram mais, mas não tem capacidade de resistir e portanto a vulnerabilidade social é maior, mas isso não é uma causa climática, isso é causado pela sociedade, o clima é reflexo da injustiça social, em escala global, continental, regional e municipal. Porque é necessário saber e considerá-lo, porque a principal mudança climática, não a mudança climática geral que agouram os pessimistas, os apocalípticos ou o Al Gore, não essa não! A principal mudança climática, a que assegura a qualidade e o bem-estar humano, não depende da natureza, depende de nós, depende da sociedade. Nós deveríamos estar muito preocupados com o que temos concebido como mudança climática, por seus efeitos adversos sobre os mais pobres. Então quando queremos corrigir aqui, o que significam medidas de complementação, medidas de compensação que ninguém quer pagar, o que significa reconstruir as áreas verdes nos lugares mais pobres da cidade, construir as respectivas canalizações, assegurar que as inundações não os afetem, dotá-los de habitações adequadas, são tantas as coisas que tem que fazer que ninguém quer fazê-las. Por isso, acredito que a obrigação do geógrafo é demonstrar que o clima é um problema social e não um fenômeno natural.